

Introdução



Este livro fala de um “segredo militar”: o cerco de Leningrado, revelado oficialmente aos soviéticos pela publicação de um telegrama (!) no jornal *Pravda* de 18 de janeiro de 1943, ou seja, 493 dias após sua efetivação e 571 dias após o início da ofensiva alemã! Isso comprova a importância do cataclismo e a vergonha do Kremlin. Esse silêncio perduraria por um longo tempo, apesar do papel edificante atribuído à cidade, na imagem que a ditadura stalinista quis difundir, *a posteriori*, sobre a “Grande Guerra patriótica”.

Por razões que se explicam pela própria história do stalinismo, o cerco a Leningrado (então com 2,5 a 3 milhões de habitantes), que dura aproximadamente 900 dias, de setembro de 1941 a janeiro de 1944, e causa cerca de um milhão de mortes, dentre as quais umas 800 mil pela fome, é frequentemente ignorado, sobretudo pelo destaque dado às batalhas de Moscou, de Stalingrado e de Kursk.

Entretanto, as implicações da Batalha de Leningrado são bastante significativas, seja do ponto de vista humano (pelo número de vítimas e pelas condições de resistência ao cerco), estratégico (Leningrado controla o mar Báltico e sua resistência mantém ocupada uma grande quantidade de divisões alemãs que seriam úteis num outro lugar), simbólico (por ser ao mesmo tempo a capital dos czares e da Revolução) e, ainda, do simples ponto de vista político (a perda da cidade teria constituído um sinal desastroso para o restante da URSS, o que é demonstrado com eloquência pela não difusão de seu cerco durante tanto tempo).



Para falar da tragédia de Leningrado, é preciso tentar se colocar, ao mesmo tempo, do lado dos sitiados e do lado dos sitiantes, e lembrar como o cerco propriamente dito se concretiza. Com efeito, recordando essa parte da operação Barbarossa e relacionando Leningrado a sua região e, além disso, às regiões circunvizinhas, compreendem-se quais foram as condições materiais desse combate sem tréguas.

O embate de dois totalitarismos, previsível mas adiado, mobiliza recursos ainda desconhecidos nos confrontos precedentes, principalmente com a França.

De um lado, o regime nazista que promove uma guerra de extermínio, do outro, o Estado stalinista que resiste com todas as suas forças, pronto a sacrificar uma parte de sua população para continuar a existir. Em Leningrado concentram-se, como em nenhum outro lugar, esses dois elementos, o que torna tal embate particularmente violento. Se Hitler, que queria riscar essa cidade do mapa, desiste de apossar-se dela pela via militar, é porque pretende aniquilar sua população pela fome. Dá-se uma “guetoização” de toda a população, para a qual os nazistas preveem um extermínio sem piedade no caso de alguma tentativa de evasão.

Se Stalin decide pela resistência a qualquer custo e não declara, por exemplo, “Leningrado, cidade aberta”, como ocorrera com Paris um ano antes, não é por um amor intenso à cidade e a seus habitantes, nem mesmo por orgulho, mas principalmente por motivos estratégicos. As ordens provenientes de Moscou, emitidas em função da “situação geral da frente de batalha”, não levam em consideração o destino dos habitantes da cidade. E quando Dimitri Pavlov chega, em setembro de 1941, para organizar o abastecimento, o primeiro resultado de sua ação é a aceleração da morte dos habitantes pela fome.

O aspecto fora das normas do que aconteceu na região de Leningrado deu origem a uma abundante literatura, a exemplo da própria operação Barbarossa.

Alguns grandes livros, que se tornaram clássicos, como o de Salisbury, publicado em 1969, e o de Léon Gouré, em 1962, retratam com profusão de detalhes a ofensiva à cidade, seu cerco e a provação à qual foi submetida. Alexander Werth, também autor de um livro notável intitulado *Russia At War 1941-1945 (A Rússia na guerra)*,* escreveu o interessante *Leningrad*

* N. T.: O livro de Alexander Werth, *Russia At War 1941-1945*, London, Barrie and Rockliff, 1964, foi publicado no Brasil sob o título *A Rússia na guerra*, em 1966, pela Editora Civilização Brasileira.

1943 (*Leningrado 1943*), relato que constitui uma reportagem detalhada realizada no local, naquela data, para a BBC e o *Sunday Times*. Werth foi um dos raros ocidentais a observar os fatos diretamente, depois que a cidade já estava prestes a ser liberada, embora ainda sob ataque do inimigo. Conhecedor dos locais e de seu assunto, ele traz um dos olhares mais interessantes e mais bem informados a esse respeito. No entanto, sua proximidade (temporal) com o acontecimento tratado causa no leitor de hoje alguns problemas de interpretação. Há ainda a obra de David M. Glantz, *The Siege of Leningrad (O cerco de Leningrado)*, muito mais recente, publicada em Londres em 2001, que insiste sobre o aspecto “épico” daquele período de terror.

Mais problemáticas, pode-se dizer, são as obras que descrevem a ofensiva do lado alemão. A maioria se baseia nas “fontes” alemãs, cuja natureza convém especificar: o general Franz Halder, feito prisioneiro pelos americanos, foi encarregado por estes últimos, ao final da guerra – juntamente com cerca de cinquenta outros oficiais superiores alemães também aprisionados – de fazer o relato da operação Barbarossa, com objetivo de “limpar” a Wehrmacht* de seus crimes (ou, pelo menos, de suas cumplicidades nos crimes) para que seus quadros se tornassem aceitáveis no seio de um novo Exército alemão a ser construído no contexto da Guerra Fria. Eles o fizeram com todo o zelo que se possa imaginar... Daí provém o mito de um soldado alemão estranho às exações da ss e dos Einsatzgruppen.** O recente museu construído em Berlim ao lado dos vestígios da antiga sede da Gestapo, denominado *Topographie des Terrors* (Topografia do terror) na Niederkirchnerstrasse, expõe, entretanto, documentos contundentes e conhecidos de longa data. Pensamos particularmente na foto que mostra uma multidão de soldados da Wehrmacht, armados com suas pequenas máquinas Leica, fotografando o enforcamento de dois ativistas russos, para compreender sua proximidade com o crime organizado.

A quase totalidade das obras que relatam a ofensiva alemã contra a URSS, observada pelo lado alemão, adota uma visão errônea das coisas, ou mesmo

* N. T.: Esse termo designa o conjunto das forças de guerra da Alemanha a partir de 1935, compreendendo o *Heer* (o Exército), a *Kriegsmarine* (a Marinha) e a *Luftwaffe* (a Aeronáutica).

** N. T.: Literalmente, “Einsatzgruppen” significa “grupos de mobilização”, mas por suas ações durante a Segunda Guerra Mundial, ficaram conhecidos como “grupos de extermínio”.

voluntariamente parcial. E isso quando não se percebe, ao lê-las, uma fascinação doentia, ou até uma admiração pelo guerreiro germânico. E, quando este último cai na armadilha do “general inverno”, as alusões ao Grande Exército de Napoleão não são inocentes. Restam os arquivos menos manipulados (principalmente os da Wilhelmstrasse e do exército), que trazem informações mais confiáveis.

Do lado soviético, as referências são variadas: os inúmeros relatos de testemunhas que viveram o próprio cerco coincidem todos quanto ao essencial, quando se trata de reconstituir a vida cotidiana dos leningradenses. Escritos, porém, num período em que a opinião não era totalmente livre (para usar um eufemismo), mostram-se em geral pouco confiáveis quando retratam a atmosfera política e a eficácia das autoridades e das organizações.

As diferentes versões da História oficial da “Grande Guerra patriótica” – designação da reação soviética à operação Barbarossa – mereceriam por si só um estudo comparativo, que, aliás, já foi parcialmente realizado. Entretanto, as duas versões principais – a do tempo de Stalin e a do tempo de Khrushchev – revelam-se incompletas: a primeira se propondo a valorizar, como se pode imaginar, o papel decisivo do “Guia”, a outra denunciando todas as suas deficiências e perversidades. Essas duas versões têm em comum o fato de serem instrumentos de propaganda.

Atores de prestígio no teatro dos acontecimentos – e não somente testemunhas dessa história – deixaram suas memórias, principalmente os marechais, generais e políticos de primeiro plano. Marcados por sua época, permanecem, na maior parte do tempo, como libelos *pro domo*.

Dimitri Pavlov, ao qual aludimos anteriormente, escreveu um livro intitulado *Leningrad v Blokadé (O bloqueio de Leningrado)*,* com uma introdução assinada, em sua versão ocidental, por Harrison E. Salisbury. Esse livro é a fonte da maioria das publicações sobre o assunto, entretanto, ao mesmo tempo que descreve um verdadeiro desastre devido à falta de preparação para enfrentar o cerco, está cheio de comentários políticos afirmando que o partido sempre manteve as coisas perfeitamente sob controle. O que coloca em dúvida a “objetividade” de todo o resto.

* N. T.: Tradução em inglês: PAVLOV, Dimitri. *Leningrad 1941: The Blockade*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1965.

Os arquivos do NKVD* são, certamente, os mais interessantes de ler, porque parecem expor os bastidores dos acontecimentos. E, em particular, o pensamento da opinião pública. Uma visão que estilhaça a pretensa unanimidade do povo de Leningrado em seu combate para defender a cidade. Um povo singular que lidou sucessivamente com três guerras (a Primeira Guerra Mundial, a guerra civil e a Guerra de Inverno**), dois períodos de escassez de alimentos (durante a guerra civil e depois no período de coletivização) e com o terror stalinista, não tendo sido poupado em nenhum momento.

Uma nova geração de russos trabalha sobre esse tema, mas muitos ainda não conseguem se abstrair do contexto pós-soviético e renunciar a clichês persistentes. Principalmente o clichê do “heroísmo” do povo de Leningrado, cujos fundamentos são complexos e cujo caráter sem restrições, duvidoso.

Apesar da natureza particularmente difícil das obras existentes, da qualidade pouco confiável de muitas fontes, é ainda possível fazer o relato e a análise de um dos momentos mais dramáticos da história da Segunda Guerra Mundial.

Existem, de fato, dados que estão presentes nos depoimentos de todas as testemunhas, enquanto outros são contraditórios, quando não inverossímeis, portanto, facilmente elimináveis. Sem falar dos pressupostos ideológicos onipresentes dos quais tentamos nos afastar.

É este o trabalho a que nos entregamos, estando conscientes do caráter de tal aventura, não redutível a uma simples narrativa linear.

* N. T.: Sigla que designa o “Comissariado do povo para assuntos internos”, Ministério do Interior da URSS, formado para controlar a polícia, os departamentos de investigação criminal, as brigadas dos bombeiros, as tropas internas e os carcereiros.

** N. T.: Designação da guerra russo-finlandesa de 1939-1940.